

Índice

Prefácio	9
Um Escândalo na Boémia	15
A Liga dos Ruivos	46
O Homem do Lábio Deformado	77
A Aventura do Solar das Faias-Vermelhas	109
A Aventura da Caixa de Cartão	141
A Aventura do Tratado Naval	169
A Aventura dos Homenzinhos Dançantes	214
A Aventura do Ciclista Solitário	246
A Aventura da Quinta da Abadia	272
A Aventura do Pé do Diabo	301
O Enigma da Ponte de Thor	333
O Cão dos Baskervilles	366
Notas	535

UM ESCÂNDALO NA BOÊMIA¹

I

Para Sherlock Holmes, ela é sempre *a* mulher. Raramente o ouvi referir-se-lhe de qualquer outra forma. Aos olhos dele, ela eclipsa e prevalece sobre todas as representantes do seu sexo. Não que ele sentisse por Irene Adler qualquer emoção análoga ao amor. Todas as emoções, e essa em particular, eram detestáveis para o seu espírito frio, preciso, mas admiravelmente equilibrado. Ele era, julgo eu, a máquina mais perfeita de raciocínio e observação que alguma vez existiu no mundo; enquanto amante, porém, ter-se-ia colocado numa posição embaraçosa. Nunca falava das paixões mais doces senão num tom de sarcasmo, com um sorriso de escárnio no rosto. Tais arroubos eram coisas admiráveis para o observador — excelentes para levantar o véu que encobre as ações e os motivos humanos. Porém, para alguém habituado a raciocinar com método, permitir tais intromissões no seu temperamento delicado, em que nada é deixado ao acaso, seria introduzir um fator de distração que poderia lançar dúvidas sobre todos os resultados das suas deduções. A poeira num instrumento sensível ou uma racha numa das potentes lupas de que ele se servia não seriam percalços mais incômodos do que uma emoção forte numa natureza como a de Sherlock Holmes. E para ele, no entanto, só havia uma mulher, e essa mulher era a falecida Irene Adler, de duvidosa e equívoca memória.

Nos últimos tempos eu quase não me encontrara com Holmes. O meu casamento afastara-nos. A minha completa felicidade, assim

como os interesses domésticos que assomam em torno do homem que pela primeira vez dá por si à testa do seu lar, eram suficientes para absorver por inteiro a minha atenção, ao passo que Holmes, cujo temperamento boêmio o fazia abominar profundamente todas as formas de convívio social, permanecera na nossa residência de Baker Street, rodeado pelos seus velhos livros, e pairando, em semanas alternadas, entre a cocaína e a ambição, a sonolência da droga e a energia feroz da sua natureza ávida. Continuava a sentir, como sempre, uma profunda atração pelo estudo do crime, e dedicava as suas imensas faculdades e os seus extraordinários poderes de observação a investigar as pistas e a desvendar os mistérios que a polícia abandonava como insolúveis. De tempos a tempos, chegava-me aos ouvidos um vago relato dos seus feitos: a sua chamada a Odessa no caso do assassinio de Trepoff, o modo como ele esclarecera a tragédia singular dos irmãos Atkinson, em Trincomali, e, por fim, a delicada missão que cumprira com tanto sucesso em prol da família real holandesa. Porém, à parte estes indícios da sua atividade, que eu me limitava a partilhar com todos os leitores da imprensa diária, pouco sabia do meu antigo amigo e companheiro.

Certa noite — foi a 20 de março de 1888 —, quando regressava de uma consulta domiciliária a um doente (pois retomara o exercício da medicina), os meus passos conduziram-me até Baker Street. Ao passar diante da porta que tão bem recordava, e que, no meu espírito, estará para sempre associada à época em que fiz a corte à mulher com quem me viria a casar e aos sombrios incidentes de «Um Estudo em Escarlate», apoderou-se de mim um desejo ardente de tornar a ver Holmes e de ficar a saber como é que ele estava a empregar as suas extraordinárias faculdades. Os aposentos dele encontravam-se profusamente iluminados e, no preciso momento em que ergui os olhos, vi a sua figura alta e magra, recortada numa silhueta escura, a passar duas vezes atrás da persiana. Estava a percorrer a divisão num passo vivo e impaciente, com a cabeça curvada sobre o peito e os dedos entrelaçados atrás das costas. Para mim, que conhecia todos os seus hábitos e estados de espírito, esta postura e estes gestos eram bem eloquentes. Ele tinha um novo caso entre mãos. Emergira dos seus sonhos induzidos pela droga e seguia avidamente o rasto de um novo mistério. Toquei à campainha e fui conduzido à sala que outrora fora parcialmente minha.

Ele não se mostrou efusivo. Raramente o fazia, aliás, mas ficou contente, julgando eu, por me ver. Quase sem pronunciar uma palavra, mas com um olhar afável, convidou-me a sentar numa poltrona com um aceno do braço, atirou-me a sua charuteira e apontou-me a frasqueira e o gasogénio a um canto. Depois postou-se diante do fogo e perscrutou-me à sua maneira peculiar e introspectiva.

— O casamento fez-lhe bem — comentou.

— Parece-me, Watson, que você ganhou sete libras e meia desde a última vez que nos vimos.²

— Sete — respondi.

— Não me diga, a mim parece-me um pouco mais. Só um nadinha mais, vá por mim, Watson. E tornou a exercer, segundo vejo. Não me disse que fazia tenções de voltar a trabalhar.

— Ora, ora, como é que sabe?

— Vejo, deduzo. Como é que eu sei que o meu amigo tem andado muito à chuva ultimamente e que tem ao seu serviço uma criada muito canhestra e descuidada?

— Meu caro Holmes — respondi —, isto passa das marcas. Caso você tivesse vivido há uns séculos, seguramente não escapava à fogueira. É verdade que dei um passeio pelo campo na quinta-feira e voltei para casa num triste estado, mas, uma vez que mudei de roupa, não percebo como é que você fez essa dedução. Quanto à nossa criada, é de facto incorrigível, e a minha mulher já decidiu mandá-la embora, mas também aí não entendo como é que o meu amigo chegou lá.

Ele soltou um riso abafado de si para consigo e esfregou uma na outra as mãos compridas e nervosas.



«... Depois postou-se diante do fogo ...»

— Nada mais simples — declarou. — Os meus olhos dizem-me que do lado de dentro do seu sapato esquerdo, mesmo no ponto em que a luz da fogueira incide, o cabedal está esfolado por seis cortes quase paralelos. Obviamente, foram causados por alguém que, com gestos muito descuidados, raspou em volta dos bordos da sola para remover crostas de lama seca. Daí, como vê, a minha dupla dedução de que o meu amigo andara exposto às intempéries e de que tinha em sua casa um espécime particularmente pernicioso da criada para todo o serviço londrina com aversão a botas. Quanto ao facto de você ter voltado a exercer, quando um homem entra nos meus aposentos a cheirar a iodofórmio, com uma mancha negra de nitrato de prata no indicador direito e uma bossa num dos lados da copa da cartola, bem reveladora do lugar onde escondeu o estetoscópio, só se eu fosse desprovido de inteligência é que não perceberia de imediato que se trata de um membro ativo da classe médica.

Não pude deixar de rir ante a facilidade com que ele explicara o seu processo dedutivo. — Quando o ouço expor o curso dos seus pensamentos — comentei —, as coisas parecem-me sempre tão ridiculamente simples que me acho capaz de fazer o mesmo com a maior das facilidades, mas depois, cada vez que você me presenteia com mais uma das suas deduções, fico perplexo até o ouvir explicar o seu raciocínio. E, todavia, acho que tenho a vista tão apurada como a sua.

— Sem dúvida — respondeu ele, acendendo um cigarro e deixando-se cair numa poltrona. — O meu amigo vê, mas não observa. A diferença é óbvia. Por exemplo, já viu muitas vezes a escada que sobe do vestíbulo para esta sala.

— Muitas vezes, sim.

— Quantas?

— Ora, umas boas centenas.

— Então quantos degraus tem a escada?

— Quantos?! Não sei.

— Precisamente! Não observou. E, todavia, viu. Era exatamente aí que eu queria chegar. Pois bem, eu sei que a escada tem dezassete degraus porque não me limitei a ver, observei também. Já agora, uma vez que se interessa por estes problemazinhos e que teve a amabilidade de escrever a crónica de algumas destas minhas experiências triviais, talvez isto lhe interesse. — E, com estas palavras, atirou-me

uma folha de papel de carta, grossa e de uma tonalidade rósea, que se encontrava aberta sobre a mesa. — Isso chegou-me com a última remessa de correio — acrescentou. — Leia em voz alta.

A missiva, que não tinha data e também não estava assinada nem continha a indicação do remetente, rezava assim:

Esta noite irá visitá-lo, quando faltar um quarto para as oito, um cavaleiro que o deseja consultar a propósito de um assunto da maior delicadeza. Os recentes serviços que V. Ex.^a prestou a uma das casas reais da Europa demonstraram que podemos, sem receio algum, confiar-lhe segredos cuja importância nunca será de mais sublinhar. Este retrato da sua pessoa todas as nossas fontes traçaram. Pedimos-lhe, pois, que esteja em sua casa à hora indicada e que não leve a mal se o visitante usar uma máscara.

— Eis aqui um mistério, de facto — comentei. — O que significa isto, no seu entender?

— Ainda não disponho de informações. É um erro fatal pormo-nos a teorizar antes de possuírmos dados concretos. Sem darmos por isso, começamos a distorcer os factos para se adequarem às nossas teorias, em vez de adequarmos as teorias aos factos. Mas concentremo-nos no bilhete. O que é que consegue deduzir?

Examinei cuidadosamente a caligrafia e o papel em que o bilhete estava escrito.

— O homem que escreveu isto era, presume-se, abastado — comentei, procurando imitar os procedimentos do meu companheiro. — Um papel destes nunca custaria menos de meia coroa cada maço. É singularmente grosso e rijo.

— Singular, eis a palavra certa — disse Holmes. — Não é um papel de fabrico inglês, longe disso. Erga-o à luz.

Obedeci e pude ver, entretecidos na textura da folha, um *E* grande com um *g* pequeno, um *P* e ainda um *G* grande com um *t* pequeno.

— Como é que interpreta essas letras? — perguntou Holmes.

— É o nome do fabricante, sem dúvida; ou antes, o respetivo monograma.

— Nada disso. O *G* com o *t* pequeno significa «Gesellschaft», que é a palavra alemã para «Companhia». Trata-se de uma abreviatura